A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 20 | Domingo 14 de maio | 1893

Dr. Thomaz de Carvalho

AQUI está um perfil que não engana. Os olhos peninsulares, faiscando atravez do cristal dos oculos, o nariz aquilino, a bocca fina cortada no sorriso da ironia, as suissas talhadas em ferro de lança, uma expressão voltereana em toda a physionomia, que é isto senão a revelação d'um cerebro bem constituido, diamantino, proprio para todas as concepções e subtilezas do espirito, temperado como o aço, aguçado como o bisturi?

O dr. Thomaz de Carvalho é uma individualidade complexa, fundindo-se n'um todo harmonioso, como uma liga metallica admiravelmente combinada, como um busto de bronze sobre um pedestal de marmore. Ha n'elle a admirar o homem de sciencia, o homem de lettras, e o homem do mundo, e essa trindade scintillante apparece-nos encarnada n'uma só natureza, n'um d'esses prodigios de que nos dão conta as theogonias orientaes.

Como homem de sciencia, Thomaz de Carvalho foi uma das mais bellas personificações do professorado. Está ainda saudoso da sua palavra fluente e erudita o ecco do amphitheatro da Escola Medica. Ninguem como elle sabia vencer a aridez fastidiosa do seu curso, interessando o auditorio no estudo dos mais intrincados problemas do organismo. Elle fazia desapparecer todas as repugnancias de qualquer peça anatomica, e o estudante ficava extasiado deante da amenidade e da delicadeza d'um professor, que mais parecia estar n'uma recamara artistica que n'um gabinete de dissecções. Sem perder uma só vez o rigor technico que se exige em similhantes palestras, elle procurava amenisal-as convenientemente, lançando de passagem, como fulguração inesperada, um dito picante, que emocionava o espirito da mocidade, sem lhe quebrar o fio da attenção. Umas vezes discorria pelo campo da anatomia comparada, examinando o organismo na variadissima escala animal e nas suas manifestações teratologicas; outras vezes, para mostrar a importancia do orgão e para mais dispertar a curiosidade, fazia um resumo da sua funcção, mostrando quanto a anatomia é a base fundamental de todas as sciencias biologicas. Reconhecendo a difficuldade de estabelecer uma nomenclatura anatomica, verdadeiramente logica e racional, que assentasse sobre uma base segura, como a que Lavoisier applicou á chimica, Thomaz de Carvalho tinha todavia o segredo de applanar essas imperfeições, obrigando a memoria a daguerriotypar o melhor possivel as fórmas e os nomes de todas as peças do cadaver. Ninguem como elle descrevia as linhas do esqueleto, as relações e inserções musculares, a sinuosidade e distribuição do systema arterial e venoso, as configurações da splanchnologia, as circumvoluções cerebraes. Com similhante guia não havia receio de se perder nos mais emaranhados labirintos anatomicos.

Fallando ou escrevendo, Thomaz de Carvalho soube sempre fazer uso discreto da palavra. O seu periodo oratorio não tem a superabundancia fragil do estylo castelaresco. Duas condições essenciaes influiram no seu caracter de orador academico. A sua educação scientifica e a sua educação classica deram-lhe a concisão e a nitidez, que não excluem por certo a plastica da fórma, antes lhe dão a belleza da estatuaria antiga. Nunca

ouvimos Thomaz de Carvalho na tribuna parlamentar, onde os seus discursos, d'um atticismo e d'uma finura epigrammatica, seriam como diamantes encastoados em vil metal, mas a physionomia politica do nosso biographado pouco nos importa pol-a em relevo, quando outras feições do seu espirito, mais sympathicas e menos perecedouras, nos estão irresistivelmente attrahindo. O estylo de Thomaz de Carvalho, pela graça e pela sobriedade, faz-nos lembrar a elegancia de Garrett. Ainda ha pouco lhe ouvimos pronunciar duas pequenas allocuções como provedor da Santa Casa, e ahi se nota, apesar da deficiencia do assumpto, quanto são relevantes as qualidades que apontamos. Singelesa de fórma, suavidade de estylo, correcção de phrase, o colorido litterario e o colorido do sentimento, tudo isto se harmonisa ingenuamente, sem o menor esforço, com a naturalidade, que só se aprende nos grandes mestres. Nem sempre, porém, Thomaz de Carvalho é o orador unctuoso: a sua feição predominante é a do critico, que escalpelisa serenamente, sem espalhafato, sem que o paciente quasi que sinta o golpe. Haja vista á oração que elle pronunciou na sessão solemne da abertura da Escola Medica de Lisboa em 5 de outubro de 1859, e na qual fez a historia dos grandes charlatães, desde Paracelso até os heroes contemporaneos. Não se arranca a pelle com mais delicadeza. Vae espetando o alfinete, como se estivesse pregando lepidopteros ou fazendo a tatuagem no espirito do seu adversario.

Mas é cavaqueando, em auditorio familiar, que Thomaz de Carvalho revela mais extraordinariamente as suas faculdades de homem de sciencia e de homem do mundo. Na ininterrompida pratica com os livros, na sua longa e extensa convivencia social, tem aprendido muito, sabe muito, e a sua memoria de anatomico é-lhe um auxiliar fecundissimo. Como frequentou as mais altas escolas e como tractou de perto com os mais eminentes litteratos e artistas, o seu espirito encyclopedico adapta-se a todos os assumptos, e porisso é commum vel-o divagar sobre os problemas mais transcendentes da philosophia natural, ou sobre as questões que mais tem agitado o mundo das lettras. E discreteia como um simples mortal, sem se dar o aprumo impertinente dos enfatuados, sem embrechar na conversa os termos retumbantes dos que imaginam que a sabedoria está no emprego das palavras, que só se interpretam com o auxilio do Larousse ou do Littré. Amante do bello em todas as suas manifestações, não quer que a sciencia seja de modo nenhum o sacerdocio exclusivo dos bonzos. A sciencia, sem ferir a susceptibilidade de ninguem, póde pôr na lapella da casaca um ramo de myosotis e ir para a plateia de S. Carlos applaudir os mais inspirados interpretes de Verdi, de Rossini, de Meyerbeer e de Wagner. E nos intervallos nada mais natural que cavaquear alegremente, polvilhando os episodios da vida, quasi sempre d'um comico irresistivel, com uns grãosinhos de sal epigrammatico. E n'isso é elle eminente. Um certo e indiscriptivel meneio de boca, um certo e original sibilo da palavra, completam admiravelmente a ironia que muitas vezes ficou em suspenso ou delineada d'uma fórma equivoca.

Durante muitos annos Thomaz de Carvalho militou na imprensa, tanto scientifica como litteraria, na propria imprensa politica, mas fez sempre fogo de guerrilheiro. São innumeros os artigos que traz espalhados em alguns opusculos e n'uma grande variedade de periodicos, mas nunca se dedicou a escrever uma obra de pulso, em harmonia com a pujança do seu talento, com os seus conhecimentos scientificos, com o seu gosto litterario, com a facilidade do seu estylo, com a pureza da sua linguagem, com os dotes do seu espirito, tão culto e tão gracioso, que se dissera um atheniense perdido no meio d'uma sociedade mercantil e utilitaria. Thomaz de Carvalho, sob este ponto de vista, se não se attribuir a culpa a timidez inexplicavel, é um egoista ou um sybarita. É possivel que seja excesso de modestia, receioso de não poder corresponder ao ideal, que elle de si proprio conjecturasse. Esta modestia, elevada a um grau demasiadamente alto, é o justo e desculpavel orgulho dos homens que preferem ficar no silencio, se a sua voz não attinge as regiões inacessiveis que elles imaginaram. Como quer que seja, Thomaz de Carvalho acha um prazer immenso em deliciar-se com as obras dos outros, sem se importar que o mundo reclame d'elle a compensação d'esse prazer. Um romance bem architectado, um soneto de fórma impeccavel, um estudo critico de longo folego, uma pagina sentimental, ou uma pagina de profunda analyse psycologica, o estylo de bronze de Herculano, ou o dizer encantador de Garrett, um artigo picante da imprensa diaria ou um alexandrino primorosamente burilado por Castilho, tudo são manjares no banquete litterario d'este gastronomo do bello, d'este Brillat-Savarin das eguarias ideaes.

Não ha nada mais formoso, não ha nada mais cheio de harmonia do que o organismo humano, tronco onde a natureza esculpiu os seus primores, quadro onde ella aprendeu a manejar os seus pinceis, mas como Thomaz de Carvalho fosse condemnado, pelo seu mistér de anatomico, a vêr desfeitas todas essas graciosas proporções, quiz-se vingar da sorte que lhe coube, saboreando em compensação todas as manifestações do espirito, o livro e o quadro, a estatua e a partitura, o perfume das rosas e o canto das mulheres. E quando alguem accusar o seu sybaritismo, elle poderá dizer ao peccador que lhe arremesse o primeiro tiro: mas para quem é que se fizeram as perolas?

Para equilibrar, porém, este defeito, se não é por

ventura uma qualidade affectuosa, revelemos um attributo excepcional do seu caracter e que lhe dá a supremacia incontestavel que tem exercido sobre umas poucas de gerações. Não ha ninguem que menos se narcise que Thomaz de Carvalho e que mais admire o talento dos outros. N'isto consiste a sua inveja — em ser o primeiro a applaudir, a estimular, a imaginação que desabrocha fulgurante. N'isto se parece com o explorador botanico, que sorri de contentamento quando encontra no sertão uma planta desconhecida e que vae ficar archivada com enthusiasmo nos annaes da sciencia.

Que importa que essa planta lhe fira mais tarde as mãos, ou lhe narcotise o ambiente com o venenoso effluvio da ingratidão, se a sua consciencia de naturalista ficou satisfeita?

SOUSA VITERBO.

No proximo numero, o medalhão do sr. Francisco Isidoro Vianna. Artigo de João Ulrich.

POLITICA SEM POLITICA

Esta semana assignala-se por uma descoberta *constitucional* feita pelo *Diario Popular!*

Segundo o seu illustre redactor, a Carta o que diz é que o Rei reina e não governa.

Tinhamos ideia de que quem havia comettido essa phrase para um effeito de occasião, fôra o fallecido Adolpho Thiers, e não o Imperial auctor da Carta Constitucional portugueza. Mas o *Popular* que o diz é que o sabe, e assim deve dar-se como ponto assente que essa alegre formula constitue, de facto, o art.º 146 da Carta, artigo que ficou inedito, sem duvida por omissão de Francisco Gomes da Silva, aquelle que, segundo reza o diploma de 29 d'abril de 1826, «*a fez*».

Restava, porem, ao *Diario Popular*, depois d'essa descoberta, explicar aos seus leitores o que vem propriamente a ser *reinar*, como cousa opposta a *governar*.

Será o Rei subscrever de chancella todas as cousas que lhe apresentem os seus ministros? E algumas bem *lindas* teem sido!

N'esse caso, ingrata missão, essa, de reinar!

O melhor, porem, é que o *Diario Popular* concordando em que o Rei é irresponsavel, e responsaveis só os seus ministros, é sempre ao Rei que pede a responsabilidade de tudo.

Verdade é, tambem, que isto de responsabilidade de ministros é lettra morta, e que quando se invoca o art.º 103 para responsabilisar algum ministro pelos seus abusos, logo se responde com o art.º 104, pelo qual nada se pode fazer emquanto o art.º 103 não esteja regulado.

E o facto é que desde 1826 ainda se não encontrou um dia de folga para proceder a essa regulamentação!

Com o quê alguns teem folgado.

Impoliticus.

CONGRATULATIO CANUM

Em 1870 a camara de Lisboa deliberara dar cabo da canzoada, por ventura no proposito egoista de deixar apenas engordar o *cão* municipal. O *Diario de Noticias* fez-se o paladino dos pobres animaes e prégou denodadamente a cruzada contra os vereadores canicidas. Latino Coelho, o sabio que tinha impetos de humorista, metteu o caso á bulha e publicou no *Jornal do Commercio* um engraçado folhetim, parte escripto n'aquelle idioma vernaculo que elle manejava com tamanho primor, parte na linguagem macarronica do *Palito Metrico*. Thomaz de Carvalho, estimulado pelo exemplo do amigo, sahiu-se a campo com um poemeto latino dedicado a Julio Cesar Machado, *Congratulatio canum*, que é uma delicia pela harmonia da versificação faceta e pela expontaneidade da graça. Os applausos, tanto em publico como em particular não lhe faltaram, e entre as cartas de parabens seja-nos licito destacar uma, de que obtivemos copia, e cuja publicação nos agradecerá o leitor mais exigente da *Semana*. Subscreve-a Eça de Queiroz, que já então se denunciava o espirituoso estylista das *Farpas*. Eil-a:

«Meu caro amigo. — Recebi a sua *Congratulatio canum*. Eu sou um barbaro, que não sei comprehender, nem admirar a doce belleza plastica da lingua latina. No emtanto percebi, com a estreiteza das minhas antigas recordações *Tito-Livianas* que o meu amigo, se pela escolha original do seu assumpto, podia ter sido um poeta sabio da Decadencia, merecia pelo puro explendor do seu latim ter cantado a mesma fundação do *Latium*.

O cão tem um extraordinario futuro. O homem está velho, absurdo, inutil: a raça vae findar como a dos mastodontes e a dos anjos. Quem sabe, se n'uma distante e tenebrosa evolução, o cão será o homem, como o homem foi o macaco? Quem diria vendo, nos antigos paraisos afogueados, o macaco balançar-se nos grossos troncos da batata gigante, que aquelle felpudo e hirsuto personagem seria um dia barão, camarista, bispo e redactor de gazetas? Por isso, quem sabe tambem, se a futura democracia socialista e ideal será feita por estes nossos amigos perdigueiros, *bull-dogs*, rafeiros, king-charles, e galgos! Se assim fôr, na futura bibliotheca da Alexandria canina, o seu livro que foi a primeira voz d'aquella mudez que ladra e uiva, que foi a entrada da eloquencia e do verbo do cão, no *forum* e na cidade, o seu livro será o quer que seja de tão fundamental como é agora o cathecismo. Eu creio mesmo que o meu caro Thomaz de Carvalho, com a sua admiravel intuição scientifica, percebeu isto, e que a *Congratulatio canum* não

é mais que a habil adulação d'um futuro poder da terra. *En attendant*, o seu livro será estimado como o quer que seja de bello como plastica e lingua e de espirituoso e de original como intenção. *Et nunc et semper* muito seu. *Eça de Queiroz.*»

Damos o original da *Congratulatio canum* e a traducção, até hoje inedita, em alexandrinos, verso por verso. É extraordinaria a fidelidade com que foi reproduzido o pensamento, sem que ficasse dura ou menos elegante a fórma portugueza. Quizeramos revelar o nome do traductor, mas não estamos authorizados a isso: basta que digamos que é um dos nossos mais requintados estylistas; um homem de elevada posição social e scientifica, que tem occupado as mais invejadas cadeiras, e que ainda ha pouco tempo, como bom catholico, mortificava as carnes nos espinhos do poder.

CHRONICA ELEGANTE

A sr.ª Condessa de Bray, esposa do illustre ministro da Allemanha, convidou as pessôas das suas relações para tres *garden-parties*, a primeira das quaes se realisou na sexta-feira.

Ha muito tempo que a nossa sociedade elegante não assiste a uma tão agradavel festa.

O parque do palacio em que está a legação da Allemanha é muito extenso, cortado de diversas ruas que seguem á sombra de viçosas latadas, apresentando de um e outro lado umas vezes bellos e variados alegretes de flores cercados de espessos massiços de verdura, outras vezes largos canteiros de um *jardin potager*, cuidadosamente cultivados.

Pouco depois das 4 horas da tarde começaram a chegar os convidados.

A um dos lados do parque estava preparado um terreiro para *lawn-tennis*, que foi jogado com muita animação.

A curta distancia, e á sombra de altos pinheiros, estava estabelecido o buffete, em que eram servidos bolos, sorvetes e variados refrescos.

Dentro de um caramanchão havia improvisada uma elegante e confortavel sala de jogo de cartas.

Toda a festa era animada por uma banda marcial que tocava na parte mais alta do parque, e que se aproximou do palacio, quando ali se dansou com extraordinario *entrain*.

Póde, pois, fazer-se uma ideia do encanto da *garden-party*, onde concorreram as senhoras mais distinctas da nossa primeira sociedade, trajando elegantes e alegres *toilettes* de primavera.

Terminou a *garden-party* perto das 7 horas da tarde, sahindo todos os convidados com a mais agradavel impressão do encanto da festa e profundamente penhorados pela graciosa gentileza com que foram recebidos pela sr.ª Condessa de Bray.

— Ao jantar que no outro sabbado o sr. ministro do Brazil offereceu ao sr. Presidente do conselho, nas salas do palacio da legação, assistiram as sr.as D. Joanna Hintze Ribeiro, Condessa de Sabugosa, D. Maria Joaquina d'Ornellas e os sr.s Presidente do Conselho, Nuncio de Sua Santidade, Conde de Sabugosa, Mr. Bilhourd, Agostinho d'Ornellas, José Antonio de Freitas e D. Pedro de Mello e Castro.

—Na quinta-feira houve outro jantar para que foram convidadas as sr.as D. Maria Carlota de Sá Pereira de Lencastre, D. Marianna de Serpa, D. Maria Luiza de Sá Pereira, D. Maria Josepha da Costa Motta, e os sr.s D. João de Lencastre, D. Fernando de Serpa, Mr. Georges Bihourd, Costa Motta, Fausto d'Aguiar e D. Francisco de Mello e Castro.

Seguiu-se um *raout* ao qual assistiram, alem dos convi-

FOLHETIM

CONGRATULATIO CANUM

Tu qui jucundae gaudes in vere juventae
Dilectas musas, pulchrasque ardere puellas,
Si Venus alma sinit, dulcisque Cupidinis artes
Otia vel faciunt tibi, amicum dilige carum;
Nam procul à te propitios exoptat amores
Per longum tibi laetumque aevum. Nunc vale Iule.

Salve defensor canum, amate Cunicule noster,
Praesidium et vindex, custos, columenque decusque!
En virides palmas latrantis concipe gentis.
Tu pater esto molossorum! Nunc praemia gratos
Laudibus aeternis persolvere convenit omnes
Tum tibi cum fratri, carisque sororibus aeque.

Jam nova lux oritur, redeunt jam prospera fata;
Festivo caudamque caputque extollere cantu
Possumus, et cursu vagabundo errare per urbem,
Et latrantes gaudere et gannire dolentes.
Jam nobis licet uivare infausto omine, jamque
Morbos vaticinari, arcanaque pandere damna,

FOLHETIM

CONGRATULATIO CANUM

Tu que da edade alegre em primavera gosas
As musas mais gentis e as moças mais formosas,
Se Venus o permitte e folga inda te dão
As artes de Cupido, o amigo lembra terno
Que embora de ti longe, amor propicio e eterno
Te deseja feliz — e aperta, Julio, a mão.

Salve, dos cães heróe, Coelho, amado nosso,
Presidio, lucta, e guarda, e vingador colosso!
As verdes palmas tens da ladradora grei
Tu, pae dos canzarrões! teu premio é grata lei;
Com teu louvor eterno enchermos essas ruas,
A ti e a teu irmão, e ás caras irmans tuas.

Prospera a sorte vem; vae-te epocha fatal!
Já podemos erguer em canto festival
Cauda e collo; e a cidade em ocio errar tunantes;
E ladrando folgar, ganir magoas instantes.
Já licito nos é infausto agoiro uivar
doenças predizer, desgraças futurar;

vas do jantar, a sr.ª D. Maria Penafiel, Marquez de Penafiel, Conde de Chroniel e Alberto Braga.

M.me Vianna de Lima foi, como sempre, amabilissima na recepção que fez aos seus convidados.

GRAZIEL.

Testemunhos vivos da natureza transcendente do homem, os santos são a pedra angular do mundo e o fundamento das nossas esperanças. Tornam necessaria a immortalidade; é graças a elles que o desfallecimento moral e o septicismo pratico podem ser invencivelmente refutados.

E. RENAN.

Anniversarios da semana

Domingo 14 — As sr.as: Marqueza de Pombal, D. Clara Albano Botelho de Lacerda Villaça Barcellos (Bulhão), D. Maria José de Paiva Rebello da Matta, D. Anna de Lencastre Sotto Maior e Menezes, D. Emilia Archer, D. Luiza Adelaide de Benevides Stadlim.

E os srs.: Conde de Villa Franca, Manuel Alves Guedes da Silva (Corvo).

Segunda-feira 15 — As sr.as: D. Maria Augusta d'Ornellas (Calçada), D. Adelaide de Menezes Brito do Rio Abreu, D. Ludovina da Conceição Homem Macedo, D. Maria do Carmo Rangel de Quadros Joyce.

E os srs.: José Abecassis, Euzebio Palmeirim, Alfredo Porfirio Pereira.

Terça-feira 16 — As sr.as: Viscondessa da Torre de Moncorvo, D. Emilia d'Almeida de Sousa Araujo, D. Margarida da Gama Lobo Salema, D. Emilia Leonor Homem de Macedo, D. Maria Eugenia de Castro Galvão, D. Maria José Villar, D. Julia de Macedo Pereira Coutinho, D. Laura Paes de Sande e Castro, D. Fernanda Catalã do Amaral Osorio (Almeidinha).

E os srs.: Dr. Henrique Dally Alves de Sá, Alfredo Ferreira Pinto Basto, Eduardo Le-Cocq, Antonio de Castro Magalhães Vasconcellos, Antonio Manuel de Medeiros da Costa Couto e Albuquerque (Laranjeiras).

Quarta-feira 17 — As sr.as: D. Constança de Castello Branco (Pombeiro), D. Maria Candida de Sampaio e Castro (Bouças), D. Maria Carlota de Freitas e Seixas, D. Maria de Mascarenhas Valdez, D. Maria da Conceição Pires Coelho, D. Maria Candida dos Santos e Silva.

E os srs.: Conselheiro Joaquim Possidonio Narciso da Silva, Dr. Carlos Lobo d'Avila (Valbom), Antonio Augusto da Silva Leão (Almofalla), Antonio de Campos Valdez Junior, Alfredo de Campos Valdez, José Antonio Forbes de Magalhães, D. Antonio José d'Almada Lencastre, Augusto Bobone.

Quinta-feira 18 — As sr.as: D. Maria Amelia Gomes da Silva, D. Herminia de Castro Monteiro, D. Christina Bastos, D. Maria Eulalia Botelho Torrezão, D. Palmyra Folque de Oliveira Feijão, D. Ernestina Carolina Amelia Cordeiro Mourão.

E os srs.: Conde de Magalhães, Henrique de Mello Queiroz de Sousa, Francisco d'Assis da Silva Brito, Carlos Schotz.

Sexta-feira 19 — As sr.as: Viscondessa de Proença Vieira, D. Amelia Augusta Bessa, D. Margarida Augusta Franco, D. Izabel Maria Vellez Dantas, D. Carolina Amelia d'Albuquerque Napoles.

E os srs.: Conde da Esperança, Conselheiro Elvino José de Sousa e Brito, Polycarpo José Machado (Benagazil), Francisco Xavier d'Almeida Garrett, José Bernardo Ferreira, João Augusto de Valladas Mascarenhas, Pedro Augusto da França, Manuel Maria Garcia da Rosa.

Sabbado 20 — As sr.as: Marqueza de Monfalin e Terenas, Condessa de Casal Ribeiro, D. Maria Adelaide Cotta Falcão e Menezes (Azevedo), D. Maria Eugenia Vellez Dantas, D. Adelaide Alves Ribeiro Trony, D. Maria Sousa Lobo da Silva.

E os srs.: Conselheiro Anthero Albano da Silveira Pinto, Henrique Eugenio Vieira de Mendonça (Abrigada), José Augusto Baeta Neves (Louredo), Dr. Carlos José d'Oliveira, Francisco Talone da Costa e Silva, Guilherme de Vasconcellos Abreu.

Ac pressis lethum instans prodere faucibus aegro.
Municipes vivant; jam libertate gosamus.

Tempora prisca recordans, nobis saevaque tantum,
Quando non licuit placidos habitare penates,
Aedilesque furore premunt ad retia nostros,
Mens agitata doloribus angit: frigidus horror
Territa membra quatit mox; pendet lingua bucca,
Atque pilosum rabum crura recondimus inter.

Talia quis fando a lacrymis se temperet! atram
Imponunt canibus legem, omni tempori vilem,
Ut poenas det supplicio quicumque sabujus,
Qui collo nunc submisso non maelia gestet,
Maelia seu gestet fisco non aere soluto.
Tantae molis erat gentem jugulare caninam.

Annales memorant antiqui horrentia multa,
Quaeque recordata infringunt canis artua semper:
Illa Neronis qui flammas imposuit urbi
Ridens, et ferro matrem interfecit acuto:
Horrida Caesaris illa caduci quem insula Capri
Abscondit turpem, Sejano regna tenente.
Caii, cui nomen caligae fecisse videntur,
Qui, saevas prodens longo post tempore manhas,
Romanum populum caput unum habuisse peroptat
Tantum, ut truncaret gladio et mandaret Averno.

dar da morte ao enfermo em uivos os assomos.
Vivam os cidadãos: já livres todos somos.

Lembrando do passado o barbaro soffrer,
Quando até nem no lar podiamos viver,
e raivando os edis iam de rede aos nossos,
corta-se o coração, de frio horror os ossos
tremem, pende da bocca a lingua em mesto afan
e entre as pernas o rabo agacha a crespa lan.

Quem lagrimas sustem, angustias taes contando!
o supplicio brutal, e sempre vil, nefando
da morte impõem aos cães: morrer todo e qualquer
que a colleira submisso ao collo não trouxer,
ou trouxer sem pagar ao fisco a audaz rapina.
Tanta importancia tinha o fim da grei canina!

Nos antigos annaes horrendos casos vem
que só de os recordar os cães em susto tem;
esse do incendio em Roma, e rindo em cima Nero
e a mãe perdendo a vida ao golpe agudo e fero,
o de Cesar caduco e torpe que escondeu
Sejano em tanto rei, de Capri o lindo ilheu;
o de Caio que o nome a caliga alcunhara
o qual a manha velha iniquo confirmara,
quando ao povo romano uma cabeça quiz
uma só, e assentar-lhe a espada na cerviz;

CONSELHOS E RECEITAS DE D. CLARA

OS FILHOS

No seu interessante livro *La maitresse de maison*, a Baroneza Staffe escreve o seguinte:

«É mister deixar desenvolver a vida animal nas creanças, quer dizer, é preciso deixar expandir-se vigorosamente aquelle pequenino corpo. Isto não obsta que se reprimam com doçura, firmeza e ternura os defeitos que se denunciem.

Lavem-se as creanças todas as manhãs, desde os pés até á cabeça, vistam-se todos os dias de lavado; mas em seguida deixem-se arrastar á vontade sobre os tapetes e sobre a relva, a fim de que se exercitem até ao dia em que possam ter-se nas pernas, andar, correr e brincar.

As creanças devem ser vestidas com toda a simplicidade. D'esse modo não é necessario atormental-as, a cada passo, com esta recommendação: «Cuidado que estraga o vestido!» É util, sem duvida, ensinal-as desde logo a serem aceiadas, rigorosamente aceiadas até; mas deve attender-se a que, emquanto brincam, é-lhes difficil pensar constantemente em cuidar dos vestidos.

As mães teem tendencia de encher as creanças de gulodices. Ainda que seja em pequena quantidade, os bolos, os crémes e outros confeitos não se recommendam para as creanças — nem para ninguem. É preferivel dar-lhes uma alimentação simples, sem doçarias e sem excitantes, sendo bem indicado para a fragilidade d'aquelles estomagos o leite, os ovos e os legumes.

Nunca se deitem as creanças sem se observar se teem os pés seccos e quentes. Devem deitar-se cedo, e dormir muito.

Desde a mais tenra infancia, deve reprimir-se-lhes que maltratem os animaes, e insinuar-se-lhes o sentimento de piedade que ainda não conhecem.

É á mãe que compete começar os primeiros estudos dos filhos. Arme-se de paciencia para ensinar as *lettras* á creança, sem a aborrecer. Ao mesmo tempo, vae formando o pequenino coração e o pequenino juizo do filho. Ensine a creança a falar aos criados com polidez e brandura, e nunca consinta que tenha um ar imperioso seja para quem fôr. Será forçada a reprehender muitas vezes, mas deve fazel-o sem colera e sem impaciencia. Será indulgente para as leviandades, e apenas severa para as faltas que denunciam malvadez. Convencida a creança da sua justiça, será facil de se emendar.

A mãe deve ser o *ideal* do filho, de modo que elle seja para com ella tão reverente, como o homem é reverente para com Deus. Para os olhos do filho, a mãe não deve ter defeitos, e deve ser a perfeição absoluta.

Deve a mãe inspirar ao mesmo tempo á creança o respeito e a veneração pelo pae, e deve este proceder de modo a não destruir aquelles sentimentos.

Nunca os filhos devem deixar a mãe. Eu queria-os sempre ao lado d'ella, sob a sua directa vigilancia para que ella lhes fosse formando a alma á proporção que se lhes desenvolve o corpo.

MODAS

O que o mundo diz das mulheres.

Falar das artes relativas á mulher, é encetar uma questão illimitada, tão extensa é. O anno passado houve uma exposição d'essas artes em Paris, e muito se fará n'esse genero na exposição de Chicago.

N'uma revista mensal extrangeira encontramos uma interessante e longa descripção d'aquella exposição que, entre outras couzas, expondo uns medonhos e extraordinarios modelos do espartilho primitivo, chamado no seculo 16 «corsetur,» ou «corsatus» fez ver a que ponto as mulheres se dispunham a disfigurar-se, seguindo ideias erradas em relação a modas e a belleza. O collete de ferro do seculo 16 é um artigo d'apparencia incommoda que facilmente se tomaria por um instrumento de tortura.

Lançando os olhos pela historia do vestuario femenino, e seguindo a sua evolução, causa pasmo ver as loucuras a que as mulheres se entregavam sem razão plausivel para assim fazerem. Quem póde, por exemplo, entender as *Merveillenses* do directorio no fim do seculo, grosseiramente indecorosas pela insufficiencia do seu vestuario. Não importava que morressem n'uma proporção assustadora, em consequencia da sua paixão pelas fazendas finas e transparentes e por irem d'encontro ao mais elementar sentimento da decencia. A moda seguia o seu curso, posto as modas mudassem n'esse tempo, como aliás agora, rapidamente.

No principio do Consulado, uns annos mais tarde, o branco era a côr favorita, e desappareceu o costume de cortar o cabello. Estavam

---

Supplicium atque Perilli tauro, qui coquit imo
Quos recipit ventre, horrifero stridore gementes,
Narrant, et strages Sullae Mariique medonhas;
Et quod cum molli concertum denique Marco
Et Lepido Augustus celebravit sanguine scriptum.

Sed quantum Camerae furor ardens distat ab illis
Fidos in nos custodes hominumque deumque!
Tantae cur cabent animis aedilibus irae?!
Curque tumescunt saevi, saucia-ut aspis in herbis?!
Qui estis? num licet orates componere nobis?!?!
Unde basofia vobis, unde audacia, parvi!
Ut postas pescadae jam arrotetis ab alto?

Expelli tamen à nostris decet omnibus unum,
Qui vergonha parentum est, doctorumque Coimbrae.
Saepe feras simulans tigres, rabidosque leones
Latrat parlamento in magno, turgidus ira;
Saepe videbis sollicitum de foenore turpi
Lucrum auferre ab mandatorum uxoribus. Illum
Agnoscis, cave: nomen, cognomenque tacemus.

THOMAZ DE CARVALHO.

(Continúa).

e aos infernos mandal-a; e o touro de Perillo
que no ventre abrazava, e causa assombro ouvil-o,
quantos lançavam lá, gemendo horriveis ais,
e de Sylla e de Mario as guerras cannibaes;
e esse concerto emfim, tremendo, duro e injusto,
que com Lepido e Antonio em sangue fez Augusto.

Mas quanto passa além da Camara o rancor
a nós, guardas leaes, dos homens, do Senhor!
e cabem de ira tanta em peito edil reservas!
porque se incham crueis, qual aspide nas hervas!
quem sois? aos doidos já querer-nos comparar?!?!
d'onde basofia tal, d'onde essa audacia alvar
que vos dá que arroteis assim pescada ás postas?!

De todos nós a um convem voltar as costas
que é vergonha dos paes, dos lentes coimbrões:
ora tigres semelha, e rabidos leões,
no parlamento ladra, o peito impando de ira;
ora torpe ouzeneiro, até uzuras tira
á mulher do eleitor. Quem seja o singular
sabeis, cautella: nome e alcunha é bom callar.

(Continúa).

em voga as grandes capas acolchoadas, chegando ao chão, com mangas muito largas e grandes collarinhos redondos. Tudo era subordinado á inconstante deusa. Contam-nos que o apuro do luxo chegou a tal ponto que uma mulher vestida com uma matrona romana era obrigada a receber n'uma sala á romana. Estava vestida á grega? a sua mobilia devia ser tambem grega. Uzava turbante e tunica? eram logo collocados sophás; e o chão cobria de tapetes turcos.

As reflexões do articulista sobre a epoca da crinoline tambem mereceu attenção. «Chegando ao 2.º Imperio,» hesito,» diz elle; «pois tenho que tratar da phase mais feia do costume femenino que tem existido desde os tempos mais antigos até agora. Nunca em todo o decurso do seculo se offendeu tanto a elegancia, a graça, a belleza, nunca esteve tão decadente o sentimento artistico, tão desfigurado e tão mal tratado.» São fortes as expressões, mas amplamente justificadas. O mau gosto predominava, e seguramente, nunca a mulher se apresentou sob um aspecto mais desfavoravel.

GIL-BERTA.

É uma cousa admiravel vêr como todos os grandes homens teem sempre caprichos e um grãosinho de loucura misturado com o seu saber.

MOLIÈRE.

EPHEMERIDES SEMANAES

7—Choque entre dois carros do ascensor da Graça, morrendo um homem e ficando muitas pessoas feridas.

8—S. M. a rainha visita o Instituto Bactereologico.

9—Morte do dr. Ferrer Farol.

—Conferencia na sociedade de geographia do sr. Ernest Messuzier doutor da Larbonne de Paris.

—Primeira representação em S. Carlos das operas *La Galathée* e *Le maitre de chapelle*.

10—Parte para a Beira Baixa o ministro das obras publicas, sr. Bernardino Machado, a inaugurar o caminho de ferro entre a Guarda e a Covilhã.

—Reunião da grande commissão da subscripção nacional para abertura das propostas para a construcção de uma canhoneira e duas embarcações de ferro.

11—Inauguração do caminho de ferro da Covilhã á Guarda.

—Chega a Lisboa, de regresso d'Africa, o amnistiado João Chagas.

12—Verifica-se nos Paços do Concelho a abertura das propostas para um supprimento de 595 contos, sendo offerecidos 707.

—Inauguração em casa do sr. ministro da Allemanha n'esta côrte as *garden-parties*.

—Primeira representação em S. Carlos da opera *Carmen*, para estreia de mademoiselle Tarquini d'Or.

José das Kalendas.

THEATROS E CIRCOS

S. Carlos

A companhia de opera comica franceza, que não foi muito feliz na noite da sua estreia, com a representação da *Mireille*, conquistou depois na representação do *Fausto* e da *Galathée* os mais calorosos applausos dos espectadores e as mais lisongeiras apreciações da imprensa.

E na realidade eram merecidos os applausos, porque raras vezes se tem cantado entre nós o *Fausto* com a correcção com que o fez agora a companhia franceza.

A *Margarida*, o *Fausto*, o *Mephistopheles* e *Valentim* não podiam ser melhor interpretados, e não só pela maneira porque cada um dos artistas cantou os respectivos trechos d'aquella encantadora partitura, mas ainda pelo desempenho dramatico com que souberam realçar cada uma das personagens da peça.

Vae passando o gosto pelos cantores que só teem qualidades de voz, e descuram completamente a interpretação scenica do papel. As peças do theatro francez, principalmente, exigem que o artista seja bom cantor e não o dispensam de que seja um actor consummado. E o tenor que se encarregou da parte do protogonista, Mademoiselle Block, que fez a parte de *Margarida*, o baixo Darnaud, que fez a de *Mephistopheles* e Rouhier, que fez a de *Valentim*, com tanto primôr se desempenharam que viram assignalados os seus trabalhos com repetidas palmas e bravos, durante toda a representação da opera.

A *Galathée* e o *Maitre de chapelle* tiveram um desempenho egual ao que teve o *Fausto*.

Depois de se affirmar isto, não se comprehende bem a rasão porque as familias da nossa sociedade elegante, que costumam frequentar com assiduidade o theatro de S. Carlos, durante a epocha de opera italiana, se abstenham de ir ouvir a companhia franceza. Se gostam e se apreciam muzica, não a teem melhor, nem mais bem executada.

Mas parece que ha muita gente que entende que os espectaculos lyricos teem a sua epocha propria como as *toilettes*, e que se não póde ouvir o *Fausto* perfeitamente cantado, quando o thermometro marca 20 graus, e se póde ouvir, com incorrecções e defeitos, quando o thermometro está a zero.

Se não é este o motivo, que o expliquem então os sabios da Escriptura.

*

Real Colyseu

A *great attraction* d'estes ultimos espectaculos tem sido a presença do domador Max, que, depois de haver sido ferido pelas garras de uma leôa, volta a entrar na jaula, dominando com extraordinario denodo a bravura e ferocidade dos animaes. E é tanto mais para admirar, quanto é evidente que a leôa que ali ha o aggride com mais rancôr do que a Monsieur Poisson, que entrou na jaula durante o tempo em que Max esteve em tratamento no hospital.

O domador Max é um homem de estatura mediana, um pouco magro, e apparece na jaula vestido de casaca, lenço branco e chapeu *Gibus* entalado debaixo do braço. Depois de fustigar os leões, obrigando-os a correr e a saltar, offerece-lhes uma posta de carne, com a mesma gentilesa com que n'uma sala de baile se offerece um sorvête a uma senhora.

Repetidas vezes a leôa, rugindo e mostrando os dentes, parece querer estender-lhe a mão, na louvavel intenção talvez de proporcionar a Monsieur Max um affectuoso *shak-ands*. O domador, porém pouco reconhecido áquella prova de gentilesa, corresponde, mostrando á leôa os dentes aguçados de uma forquilha de ferro. A leôa, então, serena um pouco, e recua despeitada.

Tambem teem sido muito apreciados os pequeninos gymnastas Charles e Lili, duas formosissimas creanças, que trabalham primorosamente no trapesio duplo.

Na ultima funcção de moda quasi todos os camarotes eram occupados por familias da nossa primeira sociedade.

Nos outros theatros continuaram os espectaculos já conhecidos.

*

Praça de touros

A corrida de hoje, promovida pelo Club tauromachico, deve attrahir enorme concorrencia de espectadores á praça do Campo Pequeno.

Touros e lidadores são escolhidos entre o que ha de melhor no nosso torneio.

Vae ser um verdadeiro regalo para os *afficionados*, e não hão-de faltar applausos aos cavalleiros e bandarilheiros que entrarem na praça.

SPECTATOR.

Typ. Christovão—R. de S. Paulo, 60 e 62.

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio.** **A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1